

RELIGIOSIDADE E MEIO AMBIENTE: DAS CRÍTICAS DOS AMBIENTALISTAS À CONSTRUÇÃO DE UMA ECOTEOLOGIA (Religion and the Environment: The Environmental Criticism of Building a the Ecotheology)

Elias Gomes da Silva*

Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano e Pós-Graduando do curso de Especialização em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Endereço Eletrônico: filosofia.elias@hotmail.com

Resumo

O ensaio estabelece uma visão panorâmica do que venha a ser a chamada ecoteologia. A idéia principal, esta pautada em demonstrar que após as críticas formuladas por alguns ambientalistas no século XX, a teologia no exercício de suas funções, passou a estabelecer uma leitura dos textos canônicos, profundamente pautada, em uma postura hermenêutica de caráter ecológico. A relevância em se abordar uma temática como essa, constitui algo de grande importância, principalmente na medida em que é justamente na América latina onde se encontra os grandes *celeiros* teóricos do pensamento cristão, voltados eminentemente para a atual crise ecológica.

Palavras-Chave: Meio Ambiente. Teologia. Ecologia. Ecoteologia.

Abstract

The essay provides an overview of what will be the call ecotheology. The main idea, grounded in this post show that the criticisms made by some environmentalists of the twentieth century theology in the exercise of its functions, has established a reading of canonical texts, heavily influenced, in a hermeneutic stance of ecological character. The relevance in relevance in addressing an issue with that, is something of great importance, especially in that it is precisely in Latin America where you have large *barns* theorists of Christian thought, eminently geared to the current ecological crisis.

Keywords: Environment. Theology. Ecology. Ecotheology.

Introdução

O artigo em questão se propõe a descrever os fundamentos teóricos que norteiam a construção de uma teologia *ecológica* ou ecoteologia. Fundamentalmente para que possamos pensar nas raízes históricas que possibilitaram a construção de uma suposta teológica decididamente preocupada como o meio ambiente, é necessário preferencialmente que retomemos alguns elementos polêmicos que se caracterizaram como pano de fundo para o nascimento de um pensamento cristão de caráter ecológico.

Sobre esse ponto, refiro-me às críticas elaboradas nas décadas de 60 e 70 nos Estados Unidos, sobretudo por alguns ambientalistas, dentre os quais se destacaram os trabalhos produzidos por Lynn White Branco Jr. (1908-1988), e como essas críticas têm sido encaradas pela comunidade teológica ao longo desses anos, culminando no postulado da criação de uma teologia eminentemente preocupada em estabelecer certa leitura de textos canônicos a partir de uma hermenêutica profundamente de caráter ecológico (REIMER, 2008, p. 85).

A medição do grau de importância de se abordar uma temática como essa em pleno século XXI é extremamente relevante principalmente pelo grande crescimento em todo mundo, de conferências, simpósios e congressos, com objetivos *claros* de se pensar políticas públicas nacionais e internacionais voltadas majoritariamente para a preservação do meio ambiente. Sobre esse aspecto, a *Organização das Nações Unidas* (ONU), juntamente com a *Organização Meteorológica Mundial* (OMM) criaram em 1988, o chamado *Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas* (IPCC). Devido a sua característica intergovernamental, o painel tem fornecido diversas informações científicas, técnicas e socioeconômicas de forma relevante e neutra, possibilitando aos gestores públicos, auxílios na formatação e criação de leis ambientais.

Todavia, podemos afirmar que atualmente o nosso maior problema ou desafio é, sobretudo de caráter decididamente filosófico (BOFF, 1996, p. 52), a saber: o grande desafio desses países não é necessariamente a eficácia ou não no levantamento de dados científicos, ou seja, não se trata da ausência de potencialidade de se coletar informações, bem como também, a eventual dificuldade dos gestores públicos de formatar e criar de leis ambientais. Nosso maior problema ou desafio esta no âmbito em se tentar estabelecer no próprio homem uma espécie de *consciência ecológica*.

É justamente nesse sentido que a construção de uma reflexão teológica de cunho ecológico pode profundamente ajudar. A ecoteologia, no exercício de suas funções está voltada necessariamente no desenvolvimento de uma postura cristã, onde em última instância, o que predomina são tentativas de revigorar e fortalecer uma atitude ética e moral pré/ocupadas com a preservação e o futuro do planeta.

Objetivando o que fora dito, para efetivar a compreensão dos pressupostos acima mencionados, o artigo está dividido em duas partes. Na primeira parte, abordaremos a suposta acusação e o entrelaçamento entre o cristianismo e a atual crise ecológica. Trata-se de poder demonstrar quais foram as principais críticas estabelecidas pelos ambientalistas sobre a religião (cristã) em relação aos chamados problemas de ordem ambientais e como essas, acabaram por desencadear verdadeiramente a possibilidade de estabelecer uma reflexão teológica voltada para os problemas do meio ambiente.

No segundo tópico, falaremos sobre os fundamentos teóricos que possibilitam a construção de uma teologia decididamente voltada para a preservação do meio ambiente, chamada pelos especialistas de *ecoteologia*. Nessa abordagem, será demonstrada que, para os teólogos, os princípios da religiosidade não estão necessariamente contrários à preservação do meio ambiente. A reflexão teológica de qualidade e as concepções históricas do pensamento cristão estão profundamente conscientes de que o exercício sadio da religiosidade pode perfeitamente ser pertinente e compatível para o desenvolvimento de uma ação eminentemente pró-ecologia, fundamentada inclusive a partir da leitura dos textos canônicos.

1. Crise Ecológica e Cristianismo

O entrelaçamento relacional entre o cristianismo e a crise ecológica foi formulado pela primeira vez no século XX, pela instrumentalidade do historiador norte americano Lynn Townsend Branco Jr. (1907-1987). Em sua palestra: *As raízes históricas de nossa crise ecológica*, proferida no dia 26 de Dezembro de 1966 em Washington, na reunião da Associação Americana para o Avanço da Ciência (AAAS), que inclusive foi posteriormente publicada como artigo pela revista científica *Science* em 1967, o autor afirmar veementemente que os principais *responsáveis* pela atual crise ecológica do nosso planeta foram o chamado mundo ocidental cristão (BRANCO JR, 2005, p. 5).

Segundo Branco Jr. (2010), as matrizes de todos os nossos problemas ambientais e ecológicos estão fundamentadas na concepção antropológica judaico-cristã. A afirmação da narrativa bíblica do homem criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26) é, portanto, hierarquicamente superior aos demais seres vivos, possibilitando a formatação de uma mentalidade, onde em última instância o que predomina é a noção dualista entre o homem e a natureza. Ou seja, toda a nossa atitude ecológica sempre vai estar profundamente associada às nossas crenças.

O conceito de ecologia humana ficou profundamente condicionado pelas crenças sobre nossa natureza e destino, quer dizer, pela religião. Porém, o autor é bem claro ao afirmar que não se trata necessariamente de qualquer tipo de religião, pois suas críticas estão sempre voltadas veementemente ao cristianismo.

O cristianismo é a religião mais antropocêntrica que o mundo conheceu. O cristianismo, em contraste absoluto com o paganismo antigo e as religiões da Ásia (excetuando, possivelmente, o Zoroastrismo), não só estabeleceu um dualismo entre homem e natureza, mas também insistiu que era vontade de Deus que o homem explorasse a natureza em benefício próprio (BRANCO JR, 2010, 38).

O principal argumento de Branco Jr. foi tentar estabelecer a diferenciação entre o cristianismo e as demais religiões (BRANCO JR, 2010, p. 38). Para o autor, os elementos contidos no interior do paganismo, sobretudo no que diz respeito à relação homem-natureza, devem ser encarados como valores extremamente superiores aos valores propostos pelo ocidente cristão.

Na Antiguidade cada árvore, cada nascente, cada córrego, cada montanha tinha seu próprio espírito protetor. Antes de alguém cortar uma árvore, cavar uma mina em uma montanha, ou represar um córrego era importante apaziguar o espírito protetor encarregado daquela determinada situação, e mantê-lo aplacado. Destruindo o animismo pagão, o cristianismo permitiu a exploração da natureza com total indiferença aos sentimentos em relação à mesma (BRANCO JR, 2010, p. 38-39).

Outro fator importante, também é apontado como coadjuvante para o desencadeamento da atual crise ambiental e ecológica, foi o fenômeno da *Revolução Industrial*. Após este, a mentalidade ocidental passou a ser configurada como a premissa de que a terra constitui-se de um recurso *inesgotável* para o consumo humano. Nesses termos, Branco Jr., também advoga a relação com o cristianismo, por duas razões:

Primeiramente a ciência moderna é uma extrapolação da teologia natural, e, em segundo lugar, que a tecnologia moderna pode ser pelo menos em parte explicada como uma realização do dogma Ocidental-cristão voluntarista sobre a transcendência do homem sobre a natureza e de seu legítimo domínio sobre ela. [...] Nossa ciência e tecnologia nasceram de atitudes cristãs baseadas na relação do homem com a natureza, reconhecidas, quase que universalmente, não só pelos Cristãos e Neo-cristãos, mas também por aqueles que afetuosamente se consideram a si mesmos pós-cristãos. (BRANCO JR, 2010, p. 39).

Para o historiador todo o nosso estilo de vida e modo de relação com a natureza depende do que pensamos e cremos coletivamente, e que, para mudar a maneira de nos relacionarmos com a natureza devemos começar por mudar aquilo que pensamos e cremos a respeito dela.

Os argumentos de Branco Jr. tratam de mostrar que a visão de fundo e os axiomas judeu-cristãos subjacentes no mundo ocidental são os culpados da atual crise ecológica mundial.

As críticas estabelecidas pelos argumentos Lynn Townsend Branco Jr. fizeram com que diversos pensadores e teólogos se posicionassem de maneira contrária, estabelecendo uma fecunda reflexão. A esse feito dar-se o nome de *ecoteologia*.

Os principais representantes dessa *nova* forma de se fazer teologia são: *Pierre Teilhard de Chardin* (1881-1955), *Alfred North Whitehead* (1861-1947), *Karl Rahner* (1905-1984), *John B. Cobb Jr.* (1925 -), *Jürgen Moltmann* (1926 -), *Rosemary Radford Ruether* (1936 -), *Catherine Keller* (1953 -) e *Sallie McFague* (1933 -). No Brasil temos os trabalhos realizados por *Leonardo Boff* (1938 -) e *Haroldo Reimer* (1953 -) entre outros.

2. Os Fundamentos da Ecoteologia

Para pensar a questão do meio ambiente a partir de uma perspectiva teológica é necessário que estabeleçamos uma premissa hermética de que existe uma relação profunda entre o ser humano religioso e o mundo como um todo (REIMER, 2005, 86). Diferentemente das propostas dos críticos ambientalistas, onde o conceito antropológico-cristão nos é apresentado como algo extremamente dualístico, para os teólogos da ecoteologia isso necessariamente não acontece. No conjunto dessas reflexões, um pensamento cristão voltado para os problemas ecológicos constitui decididamente uma mudança de paradigma na própria teologia (REIMER, 2005, 86). Para a ecoteologia não pode existir dualismo entre o homem redimido (a Igreja) e mundo da natureza.

A relação entre o cristianismo e o meio ambiente fora apontada pelo padre jesuíta e paleontólogo Teilhard de Chardin de maneira decisiva. Para Chardin: [...] *o universo caminha para um ponto final de amadurecimento e perfeita união com a realidade divina*. (CAMPOS, 2008, p.357). Haja vista, que o surgimento do homem, sua socialização, e desenvolvimento do chamado mundo da cultura seriam apenas etapas embrionárias de um plano maior onde o *Telos* se estabeleceria na perspectiva de um equilíbrio do sistema, por isto não pode ser absolutamente rompido sob pena de destruir a própria vida (CAMPO, 2008, p. 357).

Neste sentido, o princípio do livre-arbítrio atribuído ao homem comporta a noção de que ele será premiado ou punido pela natureza conforme as suas ações sobre ela. Ou seja, o cristianismo tem ensinado e advogado de forma confessional, que o homem é responsável diante de Deus pelo uso racional e correto do mundo e da criação, visto que é o mordomo de Deus dos bens criados por ele.

O clímax desse uso racional e correto do mundo e da criação possui dimensões escatológicas. A originalidade de J. Moltmann (2007), com sua *Teologia da Esperança*, desloca o eixo da escatologia cristã: da projeção ao além-morte para a promessa e o futuro. Moltmann põe as bases para a relação entre escatologia e história (MOLTMANN, 2005, p. 23). A comprovação dessa escatologia eminentemente histórica se consolida na medida em que aquela antiga concepção de teologia, tipicamente ascética e a mística carregada de tons cinzentos, devem ser encaradas como uma espécie de sonho que *acabou: este é um sonho que acabou, pois o ser humano foi expulso do paraíso!* (MOLTMANN, 2007, p. 53).

No Brasil o teólogo Leonard Boff, preconiza a figura inspiradora da espiritualidade ecológica. Em seus textos, o autor tenta proclamar de forma poética e mística as matrizes relacionais que possibilitam a construção do diálogo entre religiosidade e meio ambiente. Para o autor é necessário estabelecer uma consciência ecológica, de caráter ético-teológico que seja perfeitamente capaz de entender que teologicamente falando, o ser homem está no centro da criação, mais não está sozinho. A humanidade só será humanidade de verdade, se estiver profundamente comprometido em unidade com o planeta terra.

Terra e Humanidade formaram uma única entidade, como o viram e estremeceram de emoção os astronautas, a partir de suas naves espaciais, lá fora no espaço exterior. De lá não há diferença entre Terra e Humanidade. Ambos formam uma única entidade, com uma mesma origem e um mesmo destino. Só o cuidado garantirá a sustentabilidade do sistema-Terra com todos os seres da comunidade de vida entre os quais se encontra o ser humano. Sua função é a do jardineiro, como se relata no segundo capítulo do Gênesis. Trabalho do jardineiro é cuidar do jardim do Éden, fazê-lo fecundo e belo. A Carta da Terra nos despertou, oportunamente, para essa nossa missão, essencial e urgente. Precisamos vivê-la para que tenhamos futuro e possamos co-evoluir como temos evoluído já há 4,5 bilhões de anos, pois esta é a idade de nossa Terra (BOFF, 2007, p. 93).

Podemos afirmar que o principal núcleo e a espinha dorsal da chamada ecoteologia seria a compreensão unificada da complexa experiência salvífica que envolve: a criação, a história, a encarnação, a redenção e a consumação, sobretudo em um processo de realização, incluindo necessariamente a ecoesfera, a comunidade biótica etc. (MURAND, 2009, p. 288).

Conclusão

Os pressupostos acima elencados decididamente determinam e possibilitam os respectivos apontamentos: (1) O reconhecimento do lado positivo das críticas elaboradas pelos ambientalistas da chamada religiosidade cristã, servindo inclusive como elemento motivador que desencadeou novos rumos para mudanças de paradigmas. (2) O reconhecimento emblemático da contemporaneidade da teologia ecológica ou ecoteologia, sobretudo como principal instrumento teórico da espiritualidade acadêmica para a atual crise ambiental.

A rigor, primeiramente é necessário que reconheçamos a positividade contida no interior das críticas dos ambientalistas. Através desta, ocorreu o efeito desencadeador na promoção de mudanças de paradigmas *concretos* de caráter teológico e social. É nitidamente perceptível nos registros e anais da historiografia eclesiástica o aparecimento de diversas manifestações religiosas cujas principais características são o fortalecimento de uma espécie de postura ascética e escatologizante. Em suma, trata-se daquele tipo de religiosidade onde a verdadeira devoção é minimizada pela intolerância e fanatismo. Neste contexto, a experiência salvífica é diminuta, visto que simplesmente se restringe as expressões litúrgicas e a esperança irresponsável de *morar* no céu. O fanatismo religioso formata e configura um ser humano triplamente alienado; de si mesmo, da sociedade e da natureza como um todo. Assim, as críticas formuladas pelos ambientalistas serviram para provocar mudanças.

Em segundo lugar, é necessário também reconhecer a emblemática contemporaneidade da chamada ecoteologia, sobretudo por sua capacidade dialética de tentar estabelecer uma espécie de empreendedorismo social e cristão. Portanto, a leitura dos textos canônicos, pelos aportes teóricos da teologia ecológica, possibilita que a comunidade eclesial se proponha a conscientizar e a oferecer respostas plausíveis a os principais problemas ambientais do mundo hodierno, tais como:

o aquecimento global, o desmatamento, a poluição residual e sonora, a caça predatória, a estratificação sem controle dos recursos híbridos, a ocupação desmedida do solo, a emissão de poluentes da camada de ozônio, o efeito estufa etc.

Nesse sentido, o ensaio aparece simplesmente como um embrionário e pequeno *dispositivo*. É notório que a problemática em torno do tema deve ser urgentemente elencada de maneira mais exaustiva pelos teólogos brasileiros, bem como também pelos pesquisadores da religião como um todo. As diversas demandas impostas pelo chamado problemas ambientais exigem certa urgência da espiritualidade acadêmica no sentido de ser capaz de formar respostas plausíveis e convincentes para o mundo, que possibilitem e estabeleçam caminhos de *salvamento*, há tempo, para a vida de nosso planeta.

Referencias Bibliográficas

BÍBLIA (TEB) Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução Ecumênica da Bíblia. TEB. São Paulo: Loyola, 1995.

BOFF, L. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Comunicar-nos com a natureza com compreensão, compaixão e amor*. São Paulo: Agenda Latina America, São Paulo, v. 1, p. 92-93, 2007.

BRANCO, JR. L.W. *As raízes histórias de nossa crise ecológica*. Agenda Latino Americana, São Paulo, v. 1, p. 38-39, 2010.

CAMPOS, P. C. *Ecologia Humana: O Pressuposto da Ética na preservação do Meio Ambiente. Breve história sobre origens e conceitos do Movimento Ambientalista*. Perspectiva Teológica Belo Horizonte, v. 1, p. 343-375, 2008.

CHADIN, P. T. *O Meio Divino*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOLTMANN, J. *Teologia da esperança*. São Paulo: Loyola, 2005.

MURAND, A. *O núcleo da ecoteologia e a unidade da experiência salvífica*. Rev. Pistis Prax, Teol. Pastor. Curitiba, v. 1, n. 2, p. 277-297, jul./dez. 2009.

REIMER, H. *Sustentabilidade e cuidado contribuições de textos bíblicos para uma espiritualidade ecológica*. São Paulo: Reviver, 2005.

_____. *Criação a cuidado*. Pistis & Praxis, Curitiba, v.1/2, p. 299-315, 2009.

_____. *Toda a criação. Bíblia e ecologia*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2006.

Notas

* **Elias Gomes da Silva**: Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano e Pós-Graduando do curso de Especialização em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Endereço Eletrônico: filosofia.elias@hotmail.com